

DUELO

O novo Governo é adequado para a atual conjuntura?

Costa, os seus ministros e os secretários de Estado já tomaram posse. Está aí o XXIII Governo Constitucional

PEDRO SILVEIRA | Expresso | 01/04/2022

SIM

O XXIII Governo inicia funções num contexto singularmente contraditório. Ao mesmo tempo que dispõe de avultados fundos europeus e de uma maioria absoluta, tem de lidar com uma pandemia e com uma guerra no seio da Europa. Por um lado, terá condições financeiras e políticas únicas para implementar o seu programa. Por outro, é provável que esse programa tenha que ir sendo ajustado para lidar com as repercussões de duas crises extraordinárias. Neste cenário tão particular, como incentivar o compromisso de um Governo com o que foi prometido em campanha eleitoral, evitando que faça o que bem lhe aprouver e culpe o contexto? Um modo é a pertença dos membros do Governo ao partido que o suporta. O alinhamento ideológico fomenta essa vinculação e confere previsibilidade a eventuais ajustes necessários.

Deste modo, a característica mais distintiva deste Governo, ou seja, a presença de vários ministros com experiência partidária, é particularmente positiva. O clamor contra esta composição baseia-se em três ideias feitas. Primeira: um ministro tem de ser um profundo conhecedor da pasta. Não só esta ideia omite a existência (e relevância) de pastas de coordenação política como assume que os ministros com perfil mais político não têm conhecimento setorial. Ignora ainda a possível complementaridade de perfil com os secretários de Estado (e até com os membros do gabinete). Segunda: um ministro com perfil político não será reformista. Por um lado, o reformismo não se mede pela extensão do currículo académico ou profissional nem é inibido pela experiência política e, por outro, quem usa essa terminologia usualmente refere-se mais às reformas que, na sua opinião, deveriam ser feitas e menos às que foram sufragadas. Terceira: um ministro “independente” é mais imparcial. No entanto, a política implica escolhas e não há escolhas ideologicamente neutras. Essas escolhas podem é estar mais ou menos vinculadas à vontade dos eleitores, pelo que o alinhamento dos “independentes” com a plataforma política que venceu as eleições é muito importante. Neste caso, o facto de vários membros “independentes” transitarem do Governo anterior, bem como a proximidade previamente assumida dos estreantes ao PS, facilita este alinhamento.

A presença de vários ministros com experiência partidária é positiva

Naturalmente, a pertença ao partido do Governo não garante um bom desempenho no cargo. Mas o contrário também é verdade, pois abundam casos de “independentes” cujo desempenho deixou muito a desejar, ainda que fossem reputados técnicos. A melhor maneira de lidar com esta incerteza é através de uma eficaz prospeção de

potenciais bons ministeriáveis, o que um primeiro-ministro em funções há seis anos terá condições ótimas para fazer. O tempo se encarregará de esclarecer se esses ministeriáveis abundavam no PS ou se o líder apenas se preocupou em premiar fidelidades. No fundo, a opção de António Costa por um Governo que, detendo vários “independentes”, tem mais músculo político é um sinal de confiança no PS. Resta saber se o PS saberá estar à altura.

<https://leitor.expresso.pt/semanario/semanario2579/html/primeiro-caderno/abrir/duelo/duelo>